O PADRE CÍCERO E A INSTRUÇÃO

PE. AZARIAS SOBREIRA

Não é de hoje que se vem dizendo, em certos meios interessados no descrédito do Patriarca de Juàzeiro, ser o mencionado levita um obscurantista, figadal inimigo da alfabetização do seu povo.

Se, entretanto, nos dermos ao paciente esfôrço de tirar a limpo essa tese sustentada com tamanha ênfase, esbarraremos em ilações diametralmente opostas. É que contra fatos a mancheias não podem prevalecer argumentos. Nem poderia, em boa lógica, bastar uma só atitude ocasional para definir a mentalidade de um homem, máxime quando a sua trajetória se estendeu por sessenta e dois anos no mesmo campo de ação.

Segundo nos diz a Bíblia, o patriarca Noé uma vez se embriagou, e, em conseqüência disto, viram-no descomposto os filhos que sumamente o reverenciavam. Quem, todavia, teria a coragem de partir dessa única premissa para sustentar que Noé fôsse dado a libações alcoólicas, um ébrio portanto?

Em dia de mau humor Napoleão Bonaparte cometeu a descortesia de recusar uma audiência a Pestalozzi, que se tornou mundialmente célebre como pioneiro da educação em moldes intuitivos e racionais. Pestalozzi, contudo, nada mais desejava do que expor-lhe seu método educativo e obter-lhe as simpatias indiscutìvelmente auspiciosas. Que lhe terá mandado dizer o futuro imperador da França? — "Não me sobra tempo para ocupar-me do ABC."

Para Napoleão, apesar de sua genialidade, o educador suíço nada mais era do que um "ideólogo", têrmo pejorativo que significa visionário, o sonhador etc. Encarregou-se, porém, o tempo de mostrar que a razão não estava com Bonaparte, e sim com Pestalozzi, um nome ainda sem qualquer expressão naquela época. Nem por isto se vai concluir que o grande estadista gaulês possa ser acoimado de retrógrado, ou refratário ao levantamento do nível mental de sua

pátria. Perfilhar semelhante parecer equivaleria a fazer-se réu de clamorosa injustiça que a posteridade, imune de despeitos e **partis pris**, jamais lhe perdoaria.

*
* *

Bem ao contrário do que se tem dito e repetido às vêzes de oitiva, o Padre Cícero sempre viveu idealizando a alfabetização de sua gente na maior escala possível. Apenas ali se fixou, um de seus primeiros cuidados, embora naquele povoado já existisse uma escola, foi dar algumas aulas, semanalmente, a um ou outro rapazito que se lhe afigurou com aptidão para aprender. E logo que, depois da grande sêca de setenta e sete, se reabriu o Seminário do Crato, de Juàzeiro, uma de suas preocupações foi nêle matricular um menino órfão, de Juàzeiro, Pelúsio Correia de Macêdo, menino que conduziu pessoalmente até aquêle templo do saber provinciano. Escusado é dizer que essa matrícula, inteiramente gratuita, não se teria alcançado sem a recomendação e empenho do fundador de minha terra-berço. E quando, premido pela necessidade de entregar-se, de corpo e alma, aos trabalhos do ministério sacerdotal, uma vez que dia após dia avolumava-se o número dos que vinham de longe para desobrigar-se com êle, até a morte incentivou a abertura de escolas dentro e fora do arruado, à medida em que via crescer a população infantil.

Na verdade. Cada vez que homem ou mulher regularmente instruídos e possuindo jeito para o ensino, iam morar naquela terra, o Padre indagava das possibilidades de deparar-lhes telheiro e discípulos, indo assim ao encontro das conveniências e do bem-estar das partes. A êsse grupo podem ser arrolados, em perfeita ordem cronológica, certos professôres particulares que, em tão meritório ofício, viveram dezenas de anos, sempre com apreciável proveito da juventude, desde 1890. De memória posso citar Isabel da Luz, a Beata Cotinha e "mestre" Guilherme. Isabel da Luz bem cedo perdeu pai e mãe e teve de ir morar com o Padre Cícero, levando consigo uma irmã de acrisolada formação moral; e era de seu presbitério que ela diàriamente saía para o exercício de suas nobres funções.

Seu ascendente sôbre as incessantes turmas que transitaram por suas mãos lhe granjeou o carinhoso tratamento de MINHA MESTRA que suas discípulas lhe davam; e era assim que lhe ficavam chamando pela vida afora. À proporção que aumentava a cifra de meninas e mocinhas que lhe pediam matrícula, duas vêzes teve de trocar de prédio, sempre mais amplo, a fim de abrigar o maior número possível. O derradeiro veio a ser o salão Jesus-Maria-José, òtimamente situado e em condições de comportar, folgadamente, sessenta alunas. E dentre as mais adiantadas dessas suas filhas espi-

rituais é que a desvelada educadora ia retirando suas auxiliares no magistério.

O prédio pertencia ao Patriarca e, como nada se lhe exigia de aluguel, a escolaridade não ultrapassava um mil réis por cabeça.

E como omitir, neste relato despretensioso, as efêmeras, mas frutíferas escolas de música vocal e às vêzes também instrumental de "mestre" Lucena, de Melo Silva, de Mariinha Macêdo, de Maria da Luz e sobretudo a de "mestre" Pelúsio? Esta última foi restaurada anos depois a expresso pedido do Padre Cícero e dela nasceu uma das orquestras mais bem organizadas e distintas de que já se orgulheceu o **hinterland** cearense. Aliás, já dela fizemos menção em outro capítulo desta obra. E por que não focalizar aqui, em grande relêvo, os colégios ali mantidos de 1908 por diante, por José Marrocos e, um pouquinho mais tarde, por Raimundo Siebra e pelo Bel. Manuel Diniz, todos de imorredoura recordação? E sob que influxo e bafejo vieram à luz tais fundações senão os do fundador de meu torrão natal?

*
* *

No que acima deixamos dito não se resume o seu enternecido afã para que se rasgassem a seu povo as avenidas do progresso e da civilização bem entendida.

É que nas imediações de sua residência ou da igreja local, datando uma delas da década de 1880, chamavam a atenção do visitante outros focos de instrução, todos a cargo de professôres particulares, à exceção de duas tão-sòmente. Eram as sobreditas escolas de Isabel da Luz, de "mestre" Guilherme e da Beata Cotinha; e ainda as de Pedro Correia, Generosa Moreira, Domingos Tavares, Candinha, de Quixeramobim, e Carolina Sobreira, minha mãe, invariàvelmente repletas de estudantes.

Normalmente só saíam dos bancos escolares os que tinham aprendido a ler correntiamente, escrever e contar, considerando-se obrigatória a leitura dos **soit disant** "manuscrito", de imenso alcance naquelas eras, em que de todo se desconhecia a máquina de escrever. E observe-se que alunos que dali partiam para continuar seus estudos noutros centros de maior cultivo mental, como Crato, Canindé ou Fortaleza, por via de regra galgavam o quarto ano primário ou mesmo o primeiro ano ginasial. Nesta lista podem figurar os meus talentosos conterrâneos e colegas de escola Antônio Xavier de Oliveira, Joaquim Sobreira da França e Ananias Eleutério de Figueiredo que, não tendo tido outra aprendizagem senão a que se ministrava em Juàzeiro, pegaram o 1.º ginasial do Colégio São José, do Crato, onde deixaram fama de talento de primeira plana.

Dos três acima citados, o primeiro terminou sua carreira na Guanabara, onde brilhou como jornalista, livre-docente de medici-

na na Universidade Federal e também escritor. O segundo se formou em Ouro Prêto, donde saiu diplomado Engenheiro de Minas para a direção da Estrada de Ferro Baturité. O terceiro não foi além, mas não teria ficado abaixo dos outros dois se lhes houvesse seguido os passos. Igual marca de aproveitamento assinalou a carreira de duas de minhas conterrâneas da mesma geração: Amália Xavier de Oliveira e Maria Gonçalves que foram concluir seus estudos, respectivamente, nos colégios das Irmãs Dorotéias e na Escola Normal, de Fortaleza, uma e outra educadoras de nomeada em todo o Estado. À primeira delas coube a meritória tarefa de cofundadora e diretora da Escola Normal Rural de Juàzeiro, a cuja frente ainda se encontra com um ativo de mais de trinta anos de serviços os mais assinalados a nossa gente. À segunda, a de cofundadora e diretora, também por dilatados anos, da Escola Normal Rural, de Limoeiro do Norte, que lhe deve, igualmente, incentivos inolvidáveis.

*
* *

Corroborando semelhantes assertivas, pedimos vênia para salientar uma circunstância que, a nosso ver, possui imensa fôrça probativa: entre os vizinhos e amigos mais chegados do Padre Cícero, avultam dois que estão a merecer particular menção. São êles o já citado Pelúsio Correia de Macêdo e José Xavier de Oliveira. Pois bem. Embora um e outro dispusessem de rendas por demais modestas, nove filhos do primeiro foram terminar seus estudos em metrópoles as mais adiantadas, quais sejam São Paulo e Roma, sendo de notar que quatro dêles atingiram o sacerdócio, de que até hoje vêm sendo inescurecível ornamento. O primogênito projetou-se de tal maneira no cenário nacional que o só anúncio de seu nome como animador e tribuno dos Congressos Eucarísticos e outras paradas de fé, fôsse em Fortaleza ou na Bahia, em São Paulo ou na Guanabara, constituia certeza antecipada de incomum cintilação. E vale a pena ressaltar que o lar donde saíram tantos obreiros do Evangelho era aquêle em que quase diàriamente entrava o Padre Cícero, ao tempo em que se emplumavam para a vida essas crianças privilegiadas.

O outro vizinho e amigo do Patriarca, como já o fiz sentir, era José Xavier de Oliveira, um dos varões mais equilibrados e leais que topei pela existência afora. Pois dentre seus rebentos, em número de sete, quatro fizeram carreira na medicina, na farmacopéia, na engenharia civil e no magistério normal.

Nesse setor existe ainda mais a ser focalizado: é que de outros lares de então em minha terrinha bateram asas para longe, ansiosos por um diploma científico, filhos de João Francisco Gonçalves, João Batista de Oliveira, Manuel Vitorino de Oliveira, Pedro Coutinho, Jeconias Bezerra de Meneses e Nouzinho Bezerra; e todos vi-

ram seus esforços coroados de pleno êxito. E era em Juàzeiro que faziam pelo menos o Curso Primário.

Não fica ainda completa a enumeração se não dermos o devido realce ao fato seguinte. Nos Municípios circunvizinhos, sem total exclusão do Crato, os pais de família que tinham filhos de saída para o estudo em Fortaleza ou Salvador, que eram para os povos do Cariri os focos de cultura preferidos, geralmente não os deixavam seguir para seus destinos sem os conduzirem à presença do Capelão de Juàzeiro, na esperança de vê-los encorajados em seus propósitos com palavras de estímulo, conselho e bênção do "anjo tutelar" daquela humilde localidade. Entre outros nomes, podem ser citados o Médico-General J. Pinheiro Monteiro, do Crato; o Farmacêutico José de Sousa Rolim e seu irmão Padre Leopoldo Rolim, de Caririaçu; os irmãos Juvêncio Santana e Antônio Santana, respectivamente Bacharel e Engenheiro Civil, de Missão Velha; o Médico João Cardoso Teles e mais alguns seus conterrâneos da família Sampaio, de Barbalha. Sem exceção de um só, pertenciam todos êsses a lares notòriamente abastados, para não dizermos ricos, para aquela região cearense.

Em matéria de possibilidades econômicas, em tôda essa **tropa** de romeiros do saber, fui eu um dos raros que não teriam feito carreira sem ajuda de estranhos. Verdade seja, porém, que o meu único protetor foi o cofre de S. Francisco de Assis, de Canindé. A ninguém mais recorri. Ninguém mais interferiu em minha marcha para o sacerdócio, inclusive tios e padrinhos meus.

*

* *

Importa esclarecer agora o que houve de exato em tôrno de um desentendimento havido entre Lourenço Filho, quando estêve à dianteira da Instrução Pública do Ceará, e o Patriarca de Juàzeiro.

Preliminarmente, fique fora de dúvida que o educador paulista tinha por objetivo manifesto a criação de um Grupo Escolar em Juàzeiro, onde já florescia mais de um estabelecimento de instrução de maior fôlego e amplitude. Não seria, pois, através dessa nova fundação que se operaria o milagre tão enfatizado da **redenção popular.** Acresce a circunstância de o ensino oficial entre nós estar encontrando forte oposição da velha guarda escolar, que via com indisfarçável desconfiança os hiperbólicos pregadores da reforma decroliana.

Padre Cícero, então quase otogenário, formava, como era de prever, ao lado dos defensores da escola tradicional. Além de sua anclanidade, havia em seu desfavor, no diálogo que ia travar com Lourenço Filho, o seu estado de convalescente de insidiosa moléstia que até a véspera o tinha pôsto de cama. O certo é que se mostrou desinteressado do assunto. Parecia continuar com os métodos cuja eficiência secular tinha por si um verdadeiro exército de sábios, poetas

e escritores. Donde haviam saído, para só falar no Brasil, Rui Barbosa, Dom Pedro II e os Andradas?...

Valeu-lhe essa recusa veemente desabafo do Diretor da Instrução que, sem maior detença, deu à estampa um livro em cujas páginas se lhe retrata o desapontamento, ao denominar de envenenado o sorriso que vislumbrou no semblante do Padre. Por sinal da pressa que lhe assinalou a gestação, vale a pena ponderar que sua demora em minha terra natal não ultrapassou dois dias incompletos; e "o tempo não respeita o que se faz sem tempo".

*
* *

Na longa trajetória do Patriarca, avultam dois fatos que, por sua própria natureza, possuem energias capazes de pulverizar a baleia de êle ter sido um adversário da instrução no meio em que vivia. Primeiro: tôdas as pessoas por êle criadas cursaram pelo menos as escolas de Juàzeiro e eram suficientemente instruídas para o tempo. Quatro delas, Generosa, Antônia, Iolanda e Zaíra, que se relacionam com a década de vinte, foram por êle educadas no melhor colégio de Fortaleza, o da Imaculada Conceição, donde só saíram diplomadas professôras.

Segundo: seus derradeiros quarenta anos de vida, viveu-os o Padre Cícero reunindo bens de raiz, constantes de casas e terras, que em boa parte lhe eram ofertados por amigos seus de todo o Nordeste, bens êsses que sistemática e escrupulosamente legou aos Padres Salesianos sob a condição de, verificada a sua morte, os inverterem em casas de educação para ambos os sexos, localizadas no seu Juàzeiro. E em suas edificantes disposições testamentárias, depois de insistir neste assunto de sua predileção, declara textualmente que do fiel cumprimento dessa sua última vontade iria depender a sua tranqüilidade na outra vida. E assim dissemos tudo.